

1.

O meu pai era jardineiro. Agora é um jardim.

Não sei por onde hei de começar. Que seja este o início. É claro que se trata de um fim, mas onde começa o fim?

Acho que fiz chichi nas calças, disse o meu pai ao entrar. Estava de pé no limiar da porta de entrada, escanzelado, ligeiramente curvado, com aquela postura tão típica das pessoas altas. Trouxeram-no a meio da noite quase no fim de novembro. Viajou trezentos quilómetros deitado no banco de trás para tentar atenuar um pouco as dores. Eu tinha conseguido marcar-lhe um exame médico para o dia seguinte.

Fiz chichi nas calças, repetiu, com o ar culpado de uma criança pequena que pede desculpa e com aquela autoironia típica dele, *fícamos ridículos à medida que nos tornamos velhos...*

Não faz mal, disse eu, e começámos a mudar-lhe a roupa no meio do corredor, fechando a porta que dá para a sala.

Tenho medo, sussurrou-me, a certa altura, a minha filha ao ouvido. Olhando para trás dou-me conta de que foi ela a primeira a aperceber-se. Eu ainda não sabia. Não queria saber.

Deixem-me dizer desde já que no fim deste livro o personagem principal morre. Na verdade, nem sequer é no fim, morre ainda no meio, embora depois volte a estar vivo em todas as histórias que se passaram antes de ele morrer e depois disso. Porque, como dizia Gaustine, no passado o tempo não corre num único sentido.

Quando eu era criança, escolhia na biblioteca apenas os livros escritos na primeira pessoa, porque sabia que neles o protagonista não ia morrer.

Ora bem, este livro está escrito na primeira pessoa, apesar de o seu verdadeiro protagonista morrer.

Só sobrevivem os contadores de histórias, mas também eles, um dia, acabarão por morrer.

Só as histórias sobrevivem.

E o jardim que o meu pai tinha plantado antes de morrer.

Deve ser por isso que contamos histórias. Para criar mais um corredor paralelo, onde o mundo e todos os que nele existem estão no seu devido lugar, para desviar a narrativa para uma outra leira quando as coisas se tornam perigosas e a morte começa a aproximar-se, da mesma forma que o jardineiro desvia a água para o próximo tabuleiro do jardim.

Gostaria que houvesse luz nestas páginas, uma luz vespertina e suave. Este não é um livro sobre a morte, mas sobre as saudades da vida que acaba. Não é bem a mesma coisa. Saudades do seu favo cheio de mel, saudades, até ainda mais fortes, dos alvéolos vazios desse favo. Saudades daquele favo que mesmo as velas de cera recordam enquanto se extinguem nas nossas mãos.

Está tudo bem. Não há nada a temer, como ele costumava dizer.

2.

O bloco de notas no qual estou a escrever agora (escrevo em blocos de notas há trinta anos) foi estreado em outubro da maneira mais inocente. Mas ele já deveria estar com dores. Os sinais estavam ali, bem à vista, mas quando os decifrei já era tarde. Eu estava, uma vez mais, de partida para um sítio qualquer, dessa vez para Cracóvia, creio eu.

Está bem, mas quando voltares, vem cá passar uns dias para poderes descansar um pouco.

Foi um ano desumanamente intenso, com inúmeras viagens. *Vem cá passar uns dias para descansares...* Na altura não prestei atenção. Ele estava sempre a resmungar que raras vezes íamos a casa dele, que não descansávamos. Agora leio outras coisas nessas palavras. *Vem cá passar uns dias, oiço, fica um pouco comigo porque eu já não sou capaz de fazer nada, nem sei se durarei até ao fim do inverno.*

Nesse mesmo mês de outubro, quando passámos um dia juntos, um pouco antes de eu me ir embora, junto ao arbusto com as últimas rosas de outubro:

Sabes, tenho algumas dores nas costas, em baixo.

Ao pé da cintura?

E sobem um bocado mais para cima.

Até onde?

Até aos ombros. E apertam-me o peito...

Foi ver um médico na cidade ali ao pé. Deram-lhe uns comprimi-dos. Quem é que não sofre de dores nas costas, sobretudo depois de

todo aquele trabalho no jardim... Ao princípio, os comprimidos ajudavam.

Eu tinha uma última viagem a Portugal e depois mais nada até ao fim do ano.

Como é que estás? Estás a aguentar-te?

Está tudo bem, não te preocupes, disse ele. “Está tudo bem” era a sua frase favorita. A resposta pronta para qualquer pergunta.

Doem-te muito as costas?

Estou bem, não te preocupes.

Pareces-me um pouco mais magro.

Não te preocupes, estou bem.

No entanto, nesse dia — e é só agora que o percebo, depois de revolver na cabeça muitas vezes aquele mês de outubro —, quando, antes de eu entrar no carro, nos abraçámos a despedir-nos, ele disse-me mais uma coisa: *Está tudo bem, não te preocupes, vou ficar à espera que regresSES.*

Ter-me-ei dado conta nessa altura? Sim e não.

Aos setenta e nove anos tomava conta de um enorme quintal que incluía uma horta, um pomar e um jardim com flores. Havia de tudo nele — tomates, pimentos, batatas, milho, morangos, peónias, rosas, túlipas, árvores de fruto. Plantar, arrancar as ervas daninhas, regar, sachar, pulverizar, pôr estacas... Estávamos a tentar convencê-lo a parar ou, pelo menos, a abrandar o ritmo. Lembro-me de que foi então, junto daquelas últimas rosas de outubro de um lilás-claro, que lhe afirmei uma vez mais que, se ele continuasse assim e não fosse ver um médico, iria simplesmente acabar por se ir abaixo de repente e o quintal iria encher-se de ervas daninhas diante dos seus olhos. É estranho como o tempo, o destino (ou seja lá como chamemos àquela coisa escondida no futuro), selecciona as palavras que lhe chegam aos ouvidos. Hoje, consigo ver toda a crueldade adiada que há nesta minha frase.

3.

Eu sabia que aquele jardim era especial. Foi ele que lhe salvou a vida depois de ter tido o primeiro cancro, concedeu-lhe dezassete anos de vida, mas acabou também por dar cabo dele. Começou a partir do nada no pátio vazio de uma casa da aldeia comprada pelo meu irmão. Aqui é onde melhor me sinto, dizia ele. As anteriores sessões de quimioterapia e radioterapia tinham-no seguramente ajudado, mas tinham-no destruído também quase por completo. Lembro-me de que nunca mais voltou a recuperar a sua antiga maneira de rir, nem a sua boa e alegre disposição. Ficava silencioso durante longos períodos, abanando a cabeça de vez em quando num monólogo mudo consigo mesmo.

O quintal era a sua outra possível vida, a voz e tudo aquilo que ficara por dizer. Falava através dele, as suas palavras eram maçãs, cerejas, tomates grandes e vermelhos. A primeira coisa que fazia quando eu ia visitá-lo era mostrar-me o quintal. Estava sempre diferente.

Eu gostava de estar ali, sobretudo na primavera, de enfiar a cabeça entre os ramos pesados da ameixoeira em flor, de fechar os olhos e ouvir o zumbido *zen* das abelhas. Outras vezes, odiava-o secretamente, quando via o meu pai a alçar a enxada, magro, de tronco nu, com todas aquelas cicatrizes no corpo marcado pelas operações. O quintal e ele fundiam-se num só, ele não o largava, mas o quintal também já nunca mais o soltaria. Havia uma estranha predestinação, um pacto faustiano entre eles. Além do mais, esse quintal talvez lhe fosse funesto. Imaginava-o a extrair lentamente as forças do meu pai,